

RUBEM BRAGA

CHEGADA

NOVA YORK (Pelo Super-Constellation da Varig) — Um descanso em Belém, outro na terra de Trujillo (onde se vendem pequenos bonecos cuja cabeça é feita de castanha de caju, e o corpo daquelas sementes vermelhas e pretas que lá em Cachoeiro chamamos de «flamenguinho») e o avião da Varig desce nesta ilha de Manhattan. Há um certo excesso de boas comidas e bebidas a bordo durante as 20 horas de voo. As pessoas que têm medo de viajar em avião tendem a se distrair de algum modo, e comer e beber é uma boa distração. Além disso, Flávio de Carvalho descobriu há muito tempo («Os ossos do mundo») que de barriga cheia o animal humano, como qualquer outro, é menos acessível a qualquer emoção, inclusive o medo. «Eu estrago meu regime, mas assim cochilo um pouco» — confessou-me uma gorda e inquieta senhora aceitando mais um prato que a aeromoça lhe trazia. (Que inveja tinham meus amigos chilenos dessa palavra nova da língua portuguesa — «aeromoça!»). E como um dos passageiros é o comandante Carlos Niemeyer que vai com sua noiva casar em Nova York, alguém a bordo inventa uma nova palavra — «aeronoivos».

De Trujillo a Nova York traçamos um poquer em que eu e meu colega Hernani Tavares de Sá, do «Correio da Manhã», perdemos alguns dólares, mas ganhamos várias horas.

Nova York nos espera com seu «Indian Summer», que é um veranico de dois ou três dias. No dia seguinte pela manhã vou ao Consulado beijar a mão de Dora Vasconcelos, Cônsul Adjunto e anjo dos brasileiros em viagem, e encontro alguns patricios, inclusive Rubens Berardo, que acaba de comprar uma estação de televisão para a Continental, que será o Canal 9 do Rio, e ele espera esteja no ar em poucos meses. Dora está acabando de arrumar um livro de versos que José Olímpio vai publicar.

Tenho uma primeira experiência da organização norte-americana: passo pelo banco para saber que saldo terá uma conta que abri há mais de um ano no Chile e contra a qual saquei vários cheques no Rio, em Buenos Aires, na Itália. Mandam-me procurar um homem que está em uma mesinha, com dois telefones. Ele não me manda assinar nenhum papel nem me pede qualquer documento, apenas pergunta meu nome; liga um telefone, dá meu nome, espera alguns segundos com o fone no ouvido e escreve em um papel meu modesto saldo.

Conto isso a um amigo brasileiro e ele me diz que outro dia foi à agência de um banco descontar um cheque; não tinha firma na agência, mas isso não atrasou mais de um minuto a operação: o funcionário ligou para a agência em que ele tinha feito o depósito e deixado a assinatura e pouco depois, em uma tela de televisão, aparecia o seu saldo e a sua assinatura.

Só exclamando como Egidio Squeff quando, lá na guerra, o general Cordeiro de Faria nos explicou o complicado manejo eletrônico de um canhão: «o que é a Natureza!».